

POLÍTICA E ÉTICA EM MANIFESTAÇÕES POÉTICAS E ESTÉTICAS DAS SEXUALIDADES¹

Vítor Lemos²

Questionamentos acerca da sexualidade e de gênero estão na pauta de importantes projetos de artistas, coletivos e pesquisadores contemporâneos, atualizando discussões sempre mobilizadoras (não apenas) da criação artística. Se hábitos, padrões e normas são frutos de complexas relações sociais, políticas, históricas, nada mais compreensível do que manifestações no campo das artes – e do teatro em particular – de práticas que expandem políticas de subjetivação acerca do que se convencionou sancionar como normal ou natural nos campos do gênero e da sexualidade. Afinal, não cabe às artes o tensionamento com o mundo que nos é apresentado e que nos convoca à mais irrestrita aderência? Não cabe às artes a experimentação de novas possibilidades para o humano pensar e ser pensado, agir e ser afetado, imaginar e ser imaginado?

É neste universo que encontramos o livro *Sexualidades nas artes. A cena obscura*, de Bruno Schiappa, publicado pelas Edições Colibri, Lisboa, em março 2023. O livro reúne um conjunto de referências artísticas e teóricas para refletir sobre os efeitos estéticos, éticos e políticos que podem emergir nos e dos modos como artistas do passado e do presente representaram e representam as sexualidades. O trabalho resulta de uma investigação de pós-doutorado do autor realizada no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob a supervisão da Professora Maria João brilhante³ e do Professor Fernando Guerreiro⁴.

A palavra “sexualidades”, apresentada no título no plural, indica ao leitor, já no primeiro contato com a obra, o propósito de Schiappa em ampliar a questão das sexualidades, analisadas nas obras e conferências selecionadas, em relação à sua manifestação mais explícita: a “dos órgãos sexuais e do ato sexual”. Schiappa está interessado na sexualidade que se manifesta de diferentes

¹ Resenha do livro: SCHIAPPA, Bruno. *Sexualidades nas artes. A cena obscura*. Lisboa, Ed. Colibri. 2023.

² Vítor Lemos é artista da cena, investigador e professor de atuação. Mestre em Teatro pela Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro – UNIRIO (2000), Doutor em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ (2016), com Pós-doutoramento em Estudos de Teatro pela Universidade de Lisboa - ULISBOA (2020). Atualmente, é professor convidado do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Évora (UÉVORA) e trabalha sobre os processos de criação do ator/atriz com artistas integrantes do estúdio O Canto do Bode, pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CET/FLUL).

³ Foi professora associada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente, é membro da direção do European Journal of Theatre and Performance.

⁴ Professor Associado no Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

modos, a partir de “uma forma de estar num corpo enquanto indivíduo com pulsões, impulsos e desejos sexuais que se traduzem no modo de pensar, sentir e agir de cada um.” (p.10)

Se considerarmos que normas e instituições disciplinam o corpo e, conseqüentemente, constroem as suas possibilidades a estreitas funcionalidades e identidades, a fantasia, segundo o autor, é um caminho para experimentações de uma sexualidade transgressora. E a fantasia, em certas circunstâncias, pode se tornar uma operação artística, uma “cena obscura”, como proposto também no título da obra. Essa operação artística pode acontecer com inúmeros graus de intencionalidade, do mais consciente e explícito desejo do criador/criadora, ao mais sutil e involuntário propósito. É essa riqueza de possibilidades que Schiappa localiza nos materiais analisados: as conferências integrantes de dois ciclos organizados no percurso do seu pós-doutoramento, em que são discutidas as sexualidades em obras oriundas da literatura, das artes plásticas, do teatro, da dança, da performance e do cinema.

O livro pode ser dividido em duas partes fundamentais. Na primeira, o autor analisa os dois ciclos de conferências que foram realizadas no Teatro Trindade, em Lisboa. O primeiro ocorreu entre 2019 e 2020, e o segundo, entre 2021 e 2022. O manifesto objetivo de Bruno Schiappa foi reunir diferentes perspectivas e abordagens dos modos de representação das sexualidades em objetos artísticos. Nesse primeiro ciclo, encontramos as análises de Bruno Schiappa da encenação de João Garcia Miguel para o texto *A Casa de Bernarda Alba*, de Garcia Lorca e das conferências de João Pedro Rodrigues e José Bértolo, “*Fantasia, (Homo)Erotismo e Sexualidades Alternativas na tríade O Fantasma (2000), Odete (2005) e O Ornitólogo (2016)*, de João Pedro Rodrigues”; “*A Ligação entre a Exposição e Total Visibilidade da Pornografia e a Sociedade Contemporânea*”, de Elmano Sancho; “*O gesto teatral e o corpo no trabalho do performer*”, de Sara Carinhas e “*Dizer como quem não diz*”, de Olinda Kleiman.

No segundo ciclo, as análises das conferências “*Pensar a(s) Sexualidade(s) e como a(s) podemos (re)conhecer através das Artes. Os géneros do fantástico e do horror enquanto sublimação das sexualidades – Drácula e o mal como álibi do desejo*”, do próprio Bruno Schiappa; “*A fantasia como representação mental da(s) sexualidade(s) e a sua transposição para as Artes*”, de Rui Cintra; “*Ainda Aristóteles – ethos e representação do humano*”, de Maria João Brilhante, e, por fim, “*Erotismo e Fantástico nos procedimentos conceptuais da Karnart, uma abordagem comparativa dos casos de Hermaphrodita (2015), Commedia Inferno (2016), Idílio (2019) e Cratuz (2021)*”, de Luís Castro.

Na segunda parte do livro, Bruno Schiappa se volta para as análises de dois espetáculos: 5 *Heures du Matin*, dos Pigeons International (2005), criação de Paula de Vasconcelos, e *I Can't Breathe*, da companhia Loup Solitaire (2015), de Elmano Sancho. À descrição dos espetáculos e aos respectivos comentários, seguem as transcrições na íntegra de duas entrevistas com Paula de Vasconcelos e Elmano Sancho.

Um ponto de convergência entre o estudo de Schiappa e os estudos que desenvolvo no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET/FLUL) se encontra justamente no olhar para o campo da criação artística, e no meu caso, mais especificamente para o teatro e para a atuação, como articulação não apenas de diferentes áreas artísticas, cujas fronteiras vão se tornando cada vez menos precisas, mas também, de conhecimentos interdisciplinares trazidos, por exemplo, da psicanálise, da filosofia, da sociologia e da antropologia. No entanto, importante ressaltar, este encontro de conhecimentos, no contexto da criação artística, é estéril se não promover nos corpos envolvidos, seja na criação, seja na recepção, um tipo de experiência não conformada pela linguagem e pelo conceito, um tipo de experiência decorrente do contato com algo inteiramente desconhecido, que nos atravessa, nos abala, nos revolve, nos transforma.

Por trás desta expectativa, encontro uma inquietação comum à de Schiappa: nossos corpos estão adoecidos por mecanismos de controle, tal como pensados por Foucault, que os desencantam numa automatização produtiva e consumista. Motricidade, imaginação, afetos, desejo - todas estas instâncias e muitas outras estão mobilizadas para a circulação cada vez mais rápida e desigual dos fluxos de capital. Nestas condições, nos tornamos os tiranos de nós mesmos, tiranos e tiranizados, simultaneamente. É urgente, então, a manutenção e propagação de circunstâncias de estranhamento desta realidade e de resistência à tamanha violência. As manifestações artísticas são circunstâncias privilegiadas para a operação de corpos/afetos/sensibilidades que sejam causa e efeito da desarticulação - ainda que temporariamente - de processos aos quais nos submetemos apressadamente como se fossem “naturais”.

Se as sexualidades, como sugerido por Schiappa, fazem parte do repertório com que nos relacionamos com um mundo que nos é dado, e sendo a arte um meio de desestabilização desses modos, então a relação com a obra que manifesta uma sexualidade desviante - seja como aquele ou aquela a que assiste, o voyeur, seja como aquela ou aquele que a realiza, o exibicionista, (e aqui a associação entre ator/atriz e espectador/espectadora com exibicionismo e voyeurismo é uma sugestão do autor) - seria instauradora de processos que recriam modos próprios de estar no mundo,

dinamizam subjetividades, o que confere às manifestações das sexualidades nas artes uma dimensão política e ética cada vez urgente e necessária.